



EDUCAÇÃO AMBIENTAL E DISCURSOS MIDIÁTICOS: GERENCIANDO MODOS DE VIDA CONTEMPORÂNEOS

Priscila Oliveira da Silva - FURG

Virginia Tavares Vieira – FURG/PPGEA

Paula Corrêa Henning – FURG/PPGEA PPGEC

Apoio Material e Financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – Brasil

Resumo: O presente texto articula a Educação Ambiental e os estudos da mídia. Parte de uma pesquisa em desenvolvimento que se interessa em analisar alguns discursos midiáticos acerca da Educação Ambiental no cenário contemporâneo. Os ditos colocam em evidência a forma como nos relacionamos com a natureza, o futuro da espécie humana e a devastação que vimos realizando com o lugar onde vivemos. Nesse artigo apresentamos os contornos da investigação e alguns enlaces teóricos que dão visibilidade a este estudo; a seguir, discutimos acerca da Educação Ambiental e de alguns pequenos fragmentos desses discursos que vem nos ensinando a forma como devemos nos relacionar com o Planeta Terra. Evidencia-se em alguns enunciados midiáticos a preocupação com a devastação ambiental, pautada pelo medo e pela periculosidade frente a crise ambiental que se instala no cenário contemporâneo. Tendo como aportes teóricos autores como Michel Foucault, Felix Guattari, Gilles Deleuze e Zygmunt Bauman pretende-se provocar discussões no campo da Educação Ambiental, entendendo-a como um importante instrumento de ação política na sociedade atual.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Mídia; Crise Ambiental; Medo.

No cenário contemporâneo temos vivenciado a uma forte crise ambiental que se instalou especialmente a partir da década de 90. O elevado crescimento demográfico, o demasiado uso dos recursos naturais, as catástrofes, os desastres ecológicos e também nossos modos de vida, fez com que se instalasse em nosso Planeta uma crise ambiental e, por decorrência, também social. Percebemos que há uma preocupação global diante dessa crise, tornando-se uma questão central nos meios de comunicação de massas, nas escolas, em empresas, assim como nas organizações com chefes de estados de diversos países na busca por encontrar alternativas para a problemática ambiental.

Querendo colocar luz em tal questão, apresentamos nesse texto uma pesquisa que vem sendo desenvolvida com o intuito de problematizar discursos contemporâneos presentes na mídia. Os discursos midiáticos colocam em discussão a forma como nos relacionamos com a natureza, o entendimento de meio ambiente, o futuro da espécie humana e a devastação que nós, humanos, vimos realizando com o lugar onde vivemos: o Planeta Terra.

Nesse sentido, apresentamos inicialmente os contornos da investigação e alguns enlaces teóricos que dão visibilidade a este estudo. A seguir, discutimos acerca da Educação Ambiental e de alguns pequenos fragmentos de discursos midiáticos que vem nos ensinando a relacionarmos-nos com o Planeta Terra. Como guisa de conclusão, provocamos o leitor a pensar conosco nos atravessamentos de tais ditos em nossas vidas.

Delineamentos metodológicos: a Educação Ambiental e a Potência da Mídia

A pesquisa que ora apresentamos é tomada pela força dos discursos midiáticos. Ordenando e constituindo a realidade, a mídia fabrica modos de vida. Ela seleciona *o que* deve ser dito e indica *a maneira* como deve ser dito. Assim, coloca em funcionamento uma operação de poder que atinge inúmeras pessoas, tendo em vista o poder de circulação de seus discursos. Os discursos midiáticos são direcionados de acordo com certas perspectivas e, por isso, são protagonistas de uma operação de poder. É neste sentido que demarcamos nosso olhar para os atravessamentos midiáticos que constituem verdades no campo da Educação Ambiental.

Entendemos o conceito de verdade a partir de Nietzsche (2002), Foucault (1990), Deleuze e Guattari (2007a; 2007b). Fabricamos a verdade e a produzimos a partir de discursos que fazemos circular como verdadeiros. Essa seleção do discurso é produzida a partir de procedimentos que colocam alguns ditos “no verdadeiro” e outros não. Sendo assim, entendemos a mídia como potente ferramenta que constitui e legitima verdades através de seus programas televisivos, propagandas, marketing, etc. Nossas opções e escolhas não são questões privadas, são, pelo contrário, escolhas governadas por um conjunto de valores que nos cerca e direciona nosso olhar para o que convenciamos chamar de *certo*, *bem* e *verdadeiro*. Como nos ensina Foucault:

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sancionam uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 1990, p. 12) [grifo do autor].

Aceitando o convite de Guattari buscamos deslocar a questão do “quem disse a verdade” (2006) para uma questão um tanto mais complexa. Talvez a possibilidade para entender os discursos que circulam no campo da educação ambiental seja problematizar como e em que condições se diz o que convenciamos chamar de verdade. E não há dúvida que a mídia é um importante instrumento para produção dessas verdades. A constituição do sujeito

contemporâneo é produzida também pelas grandes máquinas midiáticas, ou como sugere Guattari (2006), pelas grandes máquinas sociais mass-mediáticas. Gostaríamos então, de pensar acerca da produtividade de alguns discursos presentes nessas máquinas, capturando-nos para agirmos frente aos problemas sócio-ambientais. Nossa intenção é provocar o pensamento para uma ecosofia mental, procurando “antídotos para a uniformização midiática e telemática” (GUATTARI, 1990, p.16).

Entendemos que o funcionamento da produção de verdade deve ser estudado no que tange a seus efeitos de realidade, para além da dicotomia moralizadora do certo ou errado. Até porque os discursos encontram na mídia seu ponto máximo de difusão e, ao selecioná-los, a mídia coloca em funcionamento uma operação de poder. Esse jogo de oposições implica disputas e silenciamentos: o exercício do poder, como diz Foucault (1990), cria objetos de saber que produzirão informações a serem acumuladas e utilizadas. Trata-se da dinâmica dessas relações de força que procuramos examinar aqui.

De acordo com Fischer (1997), pode-se falar em um Dispositivo Pedagógico da Mídia, que se caracteriza como uma lógica produtora de sujeitos e sentidos, selecionando os discursos que terão visibilidade. Essa visibilidade, a princípio, reflete o mundo em que vivemos, e constitui o real. A verdade, assim, aparece como relação de poder e evidencia quem tem a primazia de elegê-la. E também de enunciá-la.

As palavras de ordem que a mídia faz circular apontam para o que devemos acreditar, para o que temos a obrigação de abraçar. Apela para um comportamento que legitime a importância do que ela nos diz. Nesse sentido, Deleuze ensina que a informação é o próprio sistema de controle, e que

Um controle não é uma disciplina. Com uma estrada não se enclausuram pessoas, mas, ao fazer estradas, multiplicam-se os meios de controle. Não digo que esse seja o único objetivo das estradas, mas as pessoas podem trafegar até o infinito e ‘livremente’, sem a mínima clausura, e serem perfeitamente controladas. (DELEUZE, 1987, 12) [grifo do autor].

Nesse sentido, é errôneo entendermos a mídia como *manipuladora* de idéias. Porém, é possível pensarmos na potência da mídia ao colocar luz sobre alguns ditos e excluir outros, ao delimitar o lugar do *ecologicamente correto*, ou ainda das ações que devemos ter para *salvar o Planeta Terra*. Deleuze e Guattari (2007a) ensinam que a linguagem é um sistema de comando, não um meio de informação. Nesse sentido, a mídia seria um dos locais por excelência de difusão de Palavras de Ordem. Sendo a linguagem um sistema de comando, os veículos de comunicação se configuram como formadores de opinião. Preconizam verdades e constituem sujeitos.

Frente a esses entendimentos, temos como objetivo analisar quais discursos vêm constituindo o campo da Educação Ambiental a partir das mídias. Assim, esse estudo se dá na interlocução potente entre o campo de saber da Educação Ambiental e os estudos da mídia como artefato cultural que vêm produzindo formas de existir e conviver no mundo contemporâneo. Para isso, colocamos sob exame alguns discursos que se proliferam na Educação Ambiental. Analisamos extratos midiáticos como propagandas (veiculadas no rádio, na televisão e na internet), histórias em quadrinhos e filmes de animação. Pretendemos provocar o pensamento sobre tais ditos, entendendo-os atrelados as relações de saber-poder, no intuito de “preservar o meio ambiente”.

Operando com alguns dos discursos que circulam na atualidade sobre a Educação Ambiental, buscamos problematizar os ditos, examinando suas recorrências e discontinuidades. Nessa pesquisa não procuramos categorias previamente definidas. A partir do campo teórico colocamos luz e contorno à pesquisa agrupando as recorrências e as séries discursivas e também os acasos que rompem com as séries discursivas.

Uma outra questão que não podemos desconsiderar é a importância de um estudo que busca olhar para as mídias, artefatos de ampla penetração nas escolas e na vida de crianças, jovens e adultos. Tais discursos vão constituindo verdades e produzindo sujeitos contemporâneos a partir de seus ditos. Pensando na crise ambiental sentida por cada um de nós, parece-nos necessário colocar luz nesses ditos e examinar os desdobramentos éticos e políticos que vem constituindo nossos modos de vida no século XXI.

Entendendo o quanto a mídia constitui modos de vida, olhamos para alguns discursos que ela produz e colocamo-nos a pensar sobre a fabricação de verdades no campo da Educação Ambiental. É por entender a mídia como ferramenta potente na constituição das subjetividades que olhamos para ela e a colocamos em exame. Queremos deixar claro que analisar tais discursos não se vincula a criticar ou defender posição a respeito de anúncios midiáticos. Vincula-se, isso sim, a provocar o pensamento e pensar a Educação Ambiental para além da impregnação naturalista e romântica do “contato com a natureza” ou para além da “imagem de uma pequena minoria de amantes da natureza ou de especialistas diplomados” (GUATTARI, 1990, p.36). Aceitando o convite de Isabel Carvalho, perguntamo-nos: “quais expectativas e valores sócio-históricos estão contidos nessa construção sobre a natureza? Afinal, essa não é a única maneira de pensá-la, embora tenhamos de reconhecer que tal representação está fortemente inscrita em nosso ideário ambiental” (2008, p.35). Para nós, tal campo vincula-se também a estratégias de segurança e controle da sociedade (FOUCAULT,

2005; 2008), eventualmente úteis e justificadas, já que as campanhas de Educação Ambiental estão preocupadas com o futuro de nosso planeta.

Feitos estes primeiros delineamentos teóricos e metodológicos, apresentamos a seguir algumas discussões possíveis a partir de um panorama geral da coleta de material realizado nesta investigação. Para este artigo, tomamos com foco de análise a preocupação com a devastação ambiental, permeada por discursos de medo e periculosidade frente a crise ambiental que se instala no cenário contemporâneo.

A Mídia em Ação: constituindo subjetividades ambientais

A década de 60 do século passado, conhecida como a época dos grandes movimentos sociais, viu eclodir no mundo uma insatisfação por parte da sociedade nas formas de viver. Um tempo que ficou marcado pelo movimento feminista, o movimento ecológico, a revolução de maio de 68 na França e o endurecimento dos governos autoritários que se instalava na América Latina.

No que tange a problemática ambiental, a partir desse período foram realizadas reuniões, congressos, conferências mundiais com o objetivo de colocar em pauta a poluição, o consumo, a utilização dos recursos naturais e o crescimento da população mundial. Começa a surgir então uma preocupação com a situação de degradação do meio ambiente e o futuro da população. Em decorrência da real situação de degradação do meio ambiente, e preocupada com a vida da população e com as futuras gerações, a Educação Ambiental, “enquanto ação educativa” aparece como alternativa intercessora entre o campo educativo e a crise ambiental (CARVALHO, 2008).

O olhar da sociedade está voltado para os problemas ambientais e, em decorrência disso, nos deparamos diante de um bombardeio de discursos que vem dando visibilidade, cada vez mais crescente, a crise que se instalou em nossa sociedade. A mídia se tornou um instrumento importante para disseminação da população perante a crise ambiental, e dessa forma, vem produzindo sujeitos, modos de ser e viver a/na contemporaneidade. Somos capturados diariamente pela mídia que nos conduz perante nossos atos mais comuns, determinando o que deve ser feito e como devemos agir perante os problemas ambientais.

Tal essa situação encontrou solo fértil na mídia por ser um problema vivenciado por todos nós. Aliás, mais do que isso. O problema ambiental que se apresenta na mídia não é exclusivo de nosso país, mas é algo que vem tomando força e constituindo um sério problema mundial em suas esferas social, política, econômica e, evidentemente, ecológica. “A ‘sociedade’ é cada vez mais vista e tratada como uma ‘rede’” (BAUMAN, 2007, p.9) [grifos

do autor], ou seja, não é apenas nós, brasileiros, que estamos preocupados com as questões ambientais que se apresentam em nosso Planeta. Essa é uma questão mundial que atravessa a todos. O emblema, tantas vezes vistos na mídia, se apresenta como um chamamento global e uma exigência para continuidade da vida na Terra: *Todos pelo Planeta!* Estão aí os movimentos como a Reunião de Copenhague a respeito do aquecimento global em 2009, a *Earth Hour* (a Hora do Planeta) um ato simbólico que evidencia a preocupação com o aquecimento do planeta e já teve três edições em nosso país. Poderíamos citar outros tantos exemplos para entendermos como o problema ambiental atravessa a cada um de nós e nos faz tomar ações na busca pela constituição de um sujeito ambiental, preocupado com o meio ambiente e a qualidade de vida na Terra.

Gostaríamos de convidar o leitor a lançar um olhar acerca desses diferentes discursos midiáticos que nos atravessam. Vejamos tais enunciados no cinema. O filme *2012* (2009), dirigido por Roland Emmerich, trata de uma possível catástrofe, que de acordo com o calendário Maia, atingiria a Terra em 2012. Com um panorama de destruição, desde a erupção do vulcão Yellowstone, a Califórnia sendo afogada pelo oceano, terremotos e tsunamis, o filme provoca medo e terror diante de um cenário apocalíptico. De outra forma, no cinema de animação infantil, destacamos os filmes *Batalha por T.E.R.A* (2007), e *Wall.e* (2008), ambos com discursos antropocêntricos onde o homem aparece como o principal destruidor do planeta. Os filmes em destaque mostram em meio a suas ficções, discursos que vem nos atravessando em relação ao futuro do Planeta e da espécie humana na Terra. De formas diferentes, os filmes alertam para as possíveis catástrofes que o homem poderá ser acometido no futuro.

Em uma outra mirada, encontramos propagandas midiáticas com slogans alusivos a um problema planetário: "Reciclar para transformar" (Natura Cosméticos, 2009) "Promover o uso consciente dos recursos naturais é um dos objetivos do Santander" (Banco Santander, 2009); "Nosso Planeta está ficando: cada vez mais poluído; cada vez mais quente" (Rede de Supermercados Modelo, 2009); "Tomar uma decisão para cuidar do planeta" (Banco do Brasil, 2009); "Todos pelo Planeta" (Editora Abril. Revista Cláudia, 2010); "Salve o Planeta! Uma Hora vai voltar para você. Conserve seu Planeta, Ainda dá tempo!" (Campanha WWF, 2010).

Tais discursos nos anunciam que em alguns anos podemos estar experimentando a vida de outras formas e em outros locais devido as nossas ações atuais com a natureza e o Planeta Terra. Nesse sentido, a potência dos enunciados que se apresentam na mídia, de um modo geral, não está na veracidade ou não dos fatos – como a suposta perda do Planeta –, mas

nos efeitos que o discurso da devastação ambiental produz, fazendo com nossas atitudes sejam revistas e redefinidas a favor do Planeta. “[...] o principal não é o medo do perigo, mas aquilo no qual esse medo pode se desdobrar, o que ele se torna” (BAUMAN, 2007, p.15). A mídia, vem nos interpelando a cada momento, nos convidando a participar dessa grande campanha mundial para *Salvar o Planeta* e assim, vamos nos responsabilizando por nossas atitudes individuais e coletivas.

Para o bem ou para o mal, os discursos da Educação Ambiental reverberam cotidianamente na mídia e em outros espaços em que a vida se coloca como questão central para continuidade do futuro do planeta. Com isso, a Educação Ambiental toma força e vem se constituindo num campo de visibilidades diante da preocupante devastação do meio ambiente. Nesse sentido, os discursos midiáticos vão fabricando *modos ecológicos de vida*, ou seja, vão nos persuadindo a jogar o jogo da preservação do planeta e da espécie humana. O que queremos colocar em evidência são os discursos de periculosidade e medo que muitas vezes a mídia ajuda a propagar, fazendo-nos crer que, caso não mudemos nossas atitudes com o meio ambiente, dificilmente teremos este mundo para viver ou pelo menos para viver dignamente...

Assim, a mídia coloca a circular tais discursos de diferentes formas, seja em propagandas publicitárias, em reportagens impressas, em programas de tv, no cinema e em outros tantos artefatos. Cotidianamente somos convidados a participar da grande campanha mundial, pois *o futuro depende de nós*. Com chamadas persuasivas se torna difícil resistirmos e não participarmos da ordem do discurso de crise ambiental tão em voga na contemporaneidade. Afinal, é a vida que está em perigo!

Gomes ressalta que “enquanto mostram, as mídias disciplinam pela maneira de mostrar, enquanto mostram elas controlam pelo próprio mostrar” (2003, p. 77). Dessa maneira, os modos de vida que são sugeridos pelo discurso midiático atravessam os receptores, e ajudam a construir – e manter – o que Foucault chama de “corpos dóceis”¹ (2002). Nesse sentido, propagandas, filmes, programas de televisão, etc não deixam de integrar um sistema, um funcionamento, um tipo de estratégia – a disciplinar. Por outro lado, ao escolher dar visibilidade a determinados fatos e não a outros, elas controlam. A mídia, então, pode ser vista como um processo de adestramento do sujeito, de acordo com os ideais da massa, de maneira permanente e contínua. É este, como diz Hara (2007), o primado da

¹ Nesse sentido, ver Foucault (2002), onde o autor analisa a constituição das sociedades disciplinares e o respectivo adestramento dos indivíduos, e Gomes (2003), pesquisadora que traça um interessante paralelo entre o disciplinamento dos corpos e o jornalismo.

comunicação: minuto a minuto ela molda nossa subjetividade com os ideais da massa ao nos convidar a participar, ao nos persuadir a jogar.

Nesse sentido, entendemos que os discursos midiáticos que dão visibilidade a crise ambiental vinculam-se a estratégias de disciplina, segurança e controle da sociedade. Eles “educam” para o controle minucioso da ação individual pela “auto-consciência” e, assim, tendem a regular o cotidiano, sob a ambivalente política da prevenção e do medo. Não se trata de um engajamento racional ou militante, e sim de um engajamento individual sustentados pela aura de periculosidade e risco que as mídias ajudam a propagar.

Diante disso, ressaltamos a força com que a mídia vem nos interpelando e nos alertando para o futuro da vida na Terra. Esses discursos gerados pela mídia vêm colocando em circulação discursos de medo da perda do Planeta. Corroborando desta visão Bauman comenta que,

O que mais amedronta é a ubiqüidade dos medos; eles podem vazar de qualquer canto ou fresta de nossos lares e de nosso planeta. Das ruas ou das telas luminosas dos televisores. [...] Do que chamamos de “natureza” (pronta, como dificilmente antes em nossa memória, a devastar nossos lares e empregos e ameaçando destruir nossos corpos com a proliferação de terremotos, inundações, furacões, deslizamentos, secas e ondas de calor) (BAUMAN, 2008, p.11) [grifos do autor].

Nos dias atuais o medo cada vez mais vem tomando conta de nossas vidas. Um sentimento conhecido de todos os seres vivos ao longo da história da humanidade parece que na modernidade tornou-se mais evidente. O medo da perda do Planeta e do futuro da existência humana na Terra, notavelmente atinge a todos nós em escala planetária. Esta constatação nos reporta ao que Bauman (2008) chamou de medo derivado, uma sensação de insegurança e vulnerabilidade diante dos problemas sociais, políticos, econômicos e culturais que nos acometem. Como não esperar da mídia dar a visibilidade necessária a um problema que se instala em nossas vidas sem pedir licença?

Em tempos contemporâneos os modos de vidas na sociedade encontram-se instáveis, provisórios e isso nas mais variadas esferas, sejam nas relações de amizade, no trabalho ou na família. Vivemos a modernidade líquida, onde tudo se transforma rapidamente e a sociedade a todo o momento precisa se moldar, criando estratégias de existências em meio a um conjunto de condições e possibilidades instáveis, provisórias e mutantes. Bauman se utiliza dessa metáfora para indicar o estado de volubilidade em que nos encontramos. Ao descrever os líquidos, Bauman salienta que,

O que todas essas características dos fluídos mostram, em linguagem simples, é que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluídos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto,

diminuem a significação do tempo [...], os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas “por um momento” (BAUMAN, 2001, p.8) [grifo do autor].

O autor acima nos mostra como vem se constituído as relações sociais na contemporaneidade. Atualmente vivemos os tempos dos fluídos, das coisas escorregadias, das relações instáveis. Partindo do pressuposto que a crise ambiental deriva do sistema social, esta afirmativa lança a hipótese de que só uma mudança nas formas de ser e viver a/na contemporaneidade seria capaz de minimizar os problemas ambientais vividos por nós. Frente a isso, ressaltamos a importância de aprendermos as formas de viver na atualidade, reinventando novas maneiras de nos relacionarmos enquanto seres sociais, em um tempo que necessita de micro revoluções políticas e culturais, para que a vida na Terra esteja menos ameaçada. (GUATTARI, 2006).

Considerações Finais

Discursos como os tratados nesse texto e com farta exposição nos meios de comunicação implica em direcionar nosso olhar para toda a tecnologia política da vida. “[...] onde quer que haja discurso há palavras de ordem, a disciplina e o controle com que ele alimenta, e dos quais se alimenta. Por todo esse espaço, a todo tempo, enuncia-se o visível e, portanto, o vivível” (GOMES, 2003, p. 103). Com isso, provocamos o leitor a pensar em nossas ações cotidianas e nas implicações de tais ações em nossos modos de vida. Como nos convida Guattari (1990), que possamos produzir espaços de potência a partir de micro intervenções na busca por pequenas rupturas diárias diante de nossas relações com o meio ambiente, para além de uma preocupação com o medo da perda do planeta.

Colocar os discursos midiáticos sob exame não significa dizer que não devemos nos preocupar com nossas atitudes cotidianas em prol do meio ambiente. Colocamos em discussão, isto sim, os enunciados marcados pela periculosidade, fazendo os medos tomarem conta de qualquer ação a favor do planeta. Talvez valesse problematizar como e se nos entendemos pertencentes ao meio ambiente? O que nos move para tomar atitudes preocupadas com a sustentabilidade da Terra e de nossa vida cotidiana? Muito mais do que preocupações com o futuro talvez valesse pensar no presente e em nossas diferentes formas de experimentar as relações com o ambiente, em tempos líquidos.

Gostaríamos que nosso texto pudesse provocar novas discussões no campo da Educação Ambiental, entendendo-a como um importante instrumento de ação política na sociedade atual. Talvez pudéssemos, aceitando o convite de Guattari (1990), pensarmos na

criação de uma ecosofia, produzindo espaços éticos e políticos para o campo da Educação Ambiental.

Na busca pela reinvenção de si e pela provocação feita por Guattari, inquietando-nos a pensar nas nossas relações com o meio ambiente, é necessário compreender os discursos que engendram modos de vida. O entendimento de que sujeito ambiental estamos nos tornando na atualidade passa por uma arqueologia das verdades que habitam nossos discursos.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.
- _____. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- _____. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. 4ªed. São Paulo: Editora Cortez, 2008.
- DELEUZE, Gilles. *O Ato de Criação*. 1987. Disponível. em http://www.dossie_deleuze.blogspot.com.br/. Acesso em 20 de novembro de 2011.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia** – vol. I. 5ª reimpressão. São Paulo: Ed. 34, 2007a.
- _____. **Mil Paltôs Capitalismo e Esquizofrenia** – vol V. 3ª reimpressão. São Paulo, 2007b.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 22, n. 2, dez. 1997. p. 59-80.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.
- _____. **Em defesa da Sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). 4ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. **Segurança, Território e População**: curso no Collège de France (1977- 1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Campinas, SP: Papirus, 1990.
- _____. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no jornalismo**. São Paulo: Edusp, 2003.
- HARA, Tony. Sociedade da Comunicação: controle e captura da singularidade. In.: **Revista Aulas – Dossiê Foucault**. São Paulo: Unicamp - Nº 3 dez 2006/ mar 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martins Claret, 2002.